



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

O hipopótamo e o sapo



Um hipopótamo, um dia,
Com a barriga vazia,
decidiu meter no papo
um apetitoso sapo
que estava, em baixo, na ria.

Para o meter no bandulho,
sem fazer nenhum barulho,
ao vê-lo sobre um ripado,
atirou-lhe, para o lado,
um enorme pedregulho.

O ripado, já se vê,
ao fazer o balancé,
logo atirou para o papo
do hipopótamo, o sapo,
comó mostra o Castañé!

O PERÚ E O PAVÃO

POR A. DE S. R.

O compadre Perú-velho,
que mete sempre o bedelho
mesmo onde não é chamado
disse um dia, algo emproado,
como quem dá um conselho,
aos seus vizinhos do lado:
— um galo, um pato, um coelho:



— «Amigos, talvez eu pique,
por excessiva vaidade,
ao mostrar-vos o meu léque;
mas quem há'i, na verdade,
que não achate o seu béque
ante a minha magestade?!

Eu cá, se fôsse vocês,
miseros bichos sem sorte
e sem encanto, uma vez
que não possuem meu porte,
nunca poria os meus pés
à luz do sol, crua e forte!

As primeiras ferias de Luizinho

Por TOUTINEGRA

(Continuado do numero anterior)

Ontem foram passar a tarde a casa de Chico e Maria. Luis brincou com o primeiro e Alice fez companhia à segunda, que uma forte constipação retinha no peito.

Quando lá chegaram, souberam que «Ladina», a linda gata dos seus amiguinhos, tinha gatos pequeninos e mostraram vontade de os ver. O senhor José disse que os levaria lá mas que só daí a pedacinho thos podia mostrar, pois estavam na adega e que não fôsem lá sós, pois a gata mãe, não os conhecendo, podia arranhá-los. Alice conformou-se, mas Luis não podia compreender porque havia de esperar, se tinha tanta vontade de ver os gatinhos e, surratamente, foi-se encaminhando para adega. Pé ante pé: lá estavam eles, e que lindos! Muito pequeninos, os olhinhos ainda fechados: um, todo preto; outro, com grandes malhas brancas. A mãe lambia-os, aconchegava-os com um tal carinho que só as mães sabem ter. Luis estava verdadeiramente encantado; foi-se aproximando até que, bastava estender o braço, agarraria um dos gatinhos. E que tentação êle tinha de faze-lo!... Decerto a gata não o arranharia! Aquilo tinha dito o senhor José para o assustar. Foi. Estendendo o braço, lentamente, avançou. Ela parara de lambar os filhos; olhou para êle com um grandes olhos muito redondos e, quando êle quasi agarrava um dos filhinhos, saltou-lhe à cabeça, mordendo-o e arranhando-o valentona. Luis gritava desesperadamente. Quando conseguiram enxotar a gata, já êle tinha a cara toda ensangüentada, por fundos arranhões.

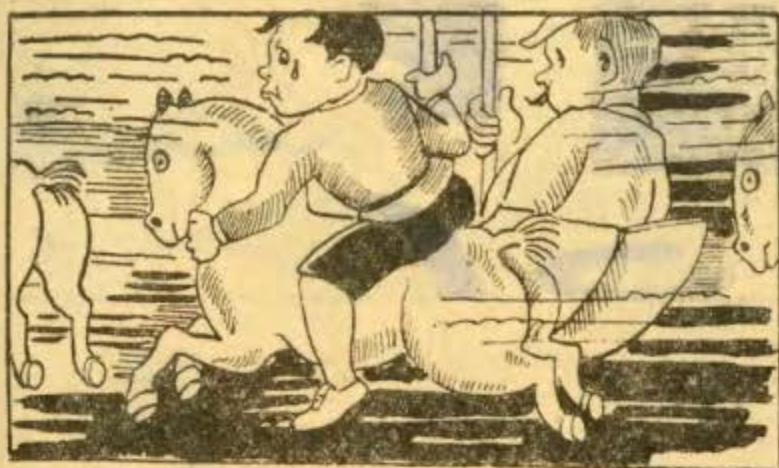
Alice não cessava de chorar por ver o irmão assim, tendo o senhor José ido levá-los a casa, onde contou o sucedido pedindo para não ralharem a Luis.

Êste sofreu bastante e aprendeu com a «Ladina» que sempre devemos escutar os prudentes conselhos dos mais velhos.

Na feira

A carroça do senhor José, estava pronta a partir. Luis, já em cima





dela, fazia as últimas despedidas, enquanto a mãe lhe dava prudentes conselhos e Alice recomendava que não se esquecesse de lhe trazer um brinquêdo. Iam à feira. Fôra uma agradável surpresa para Luís, que só o soubera, quando Chico, radiante e já pronto para partir, lhe foi participar que os pais o deixavam ir também.

A carroça caminhava dando enormes solavancos. Luís ia fazendo projectos e perguntando, a todo o instante, se ainda faltava muito para chegarem lá. Na pequena carteira, levava dez escudos, que êle anciava gastar.

Já se avistavam as principais casas da povoação, onde a feira se instalára e, daí a pouco, chegaram finalmente. Luís e Chico saltaram, logo do veículo, que o senhor José foi arrumar a um canto. Que ensurdecedor barulho fazia toda aquela gente! Luís e Chico, rompiam por entre a compacta multidão, indo, o primeiro, sempre a parar, para melhor observar certos pequenos detalhes que, para êle, a primeira vez que ia a uma feira, eram motivos de espanto. Aqui, uma barraca onde se vendiam objectos de louça; ali um enorme pipo de vinho, do qual se enchiam, ininterruptamente, grandes canecos, que os homens esvasiavam num, abrir e fechar d'olhos; mais além, uma mulher vendia fruta, outra tremôços, pevides, castanhas, etc. etc.; um homem vendia umas feias bonecas de trapo, como êle nunca vira outras.

Súbitamente, avistou um «cârroussel»; que engraçado! Tantos cavallinhos de pau e trens pequeninos, girando em roda, vertiginosamente, ao som duma esquisita música. E queria ir num cavallo, para vêr se era bom! Mas, logo, outra coisa lhe chamou a atenção: — Junto duma grande barraca de pano e sôbre uma varanda improvisada e feita de tábuas velhas e sujas, três raparigas, com pandeiretas, cantavam e dançavam. Um rapaz, tendo nos ombros um feio macáco, fazia-o dar guinchos, enquanto um velho palhaço, fazendo piruetas, gritava: — «Entraí, entraí, venham vêr os nossos extraordinários trabalhos, coisas nunca vistas! E' barato e vai começar já». Era o circo. Luís pasmáva; fôra tanta vez ao Coliseu e nunca vira os artistas fazerem tanto barulho, cá fóra. Mas outra coisa ainda lhe chamou a atenção. Seguiu, e só parou de dar volta e de fazer comentários quando se convenceu de que já vira tudo.

Deram, então, começo ás «importantes» compras. Primeiro, não resistiu à tentação de comprar alguns pêcegos, grandes, madurinhos; em seguida, comprou tremôços; depois, um enorme bôlo salôio que lhe soube divinamente e, por êste andar, ia enchendo demasiado o estômago, gastando todo o dinheiro em seu proveito. Chico chamou-lhe a atenção, mas êle continuou a adquirir outras coisas. Agora acabáva de comprar um pião. Mas que incorrigível gastador! Faltava ainda um bonito para a Alice! O que havia de ser?! Tudo lhe parecia pouco para a irmã, de quem era muito amigo.

Vêde a graça com que eu ando, que até sinto um extremeção, o próprio ar agitando, ao sabôr da viração!...»
Dizia o Peru, inchado de toleima e presunção.

Nisto, abre-se a capoeira e, de súbito, um pavão, põe lá dentro a cosinheira, por ordem do seu patrão. E, logo, dêle se abeira a restante criação.



O pavão, — (então, ouvindo o enfatuado discurso do Peru), — seu léque abrindo, faz com que parvo, fugindo, Faça uma figura de urso.

Leitor aprende a lição:
— Não pretendas, jamais, tu ser como êste toleirão: pois se esquecer a peru da existência do pavão!



Por GRACIETTE BRANCO

desenhos de Adolfo Castañé

BORRALHEIRA era uma gatinha de luxo, gatinha bonita, que tinha tido a sorte de nascer num açafate acolchoado de penas e que tomara leite, em pequenina, como menino amimado. Mal viu a luz do dia, logo teve mãos cariciosas que a afagaram, braços que, embaladoramente, lhe deram doce conforto. E, Borrallheira, cresceu nesse ambiente de luxo, preguiçosa e descuidada, sem receios de fome, de ventos soprando forte, de chuvas encharcando os telhados!

Os telhados!... A linda Borrallheira sabia lá o que eram telha-

dia, no inverno, a sua caminha aceada e macia, junto ao fogão da salinha de estar e o prato da sua bela comida, a seu lado, sobre um grande oleado, para que Borrallheira não tivesse preocupações de sujar o sobrado.

Mas Borrallheira, preguiçosa e dorminhoca, passava horas e horas sem comer, só para não ter a maçada de sair do confortável calor da sua cama.

Ora aconteceu que um dia, estando aberta a janela que dava para o jardim, entrou, por ela, um desgraçado gato de telhado, magro e faminto, que, com tão apetitoso, manjar ali perto de si, e



No dia seguinte, à mesma hora o gato preto, entusiasmado com o banquete da véspera, saltou, de novo, pela janela aberta e pé ante pé, aproximou-se do prato. Borrallheira dormia, dormia, dormia, e já magrinha e enfezada, por dias inteiros levados a dormir, sem sombra de alimento, conheciam-se-lhe as costelas e o focinho alongava-se, perdendo a graciosidade, de outrora em que era redondinho como uma bola de «tennis».

A visita do gato preto tornou-se diária e ele ia engordando, à medida que Borrallheira emagrecia e, duma ocasião, estava ele já tão farto, que até consentiu que um ratinho ousado, que, atrevidamente, se aproximou do prato, comesse a seu lado, em franca camaradagem.

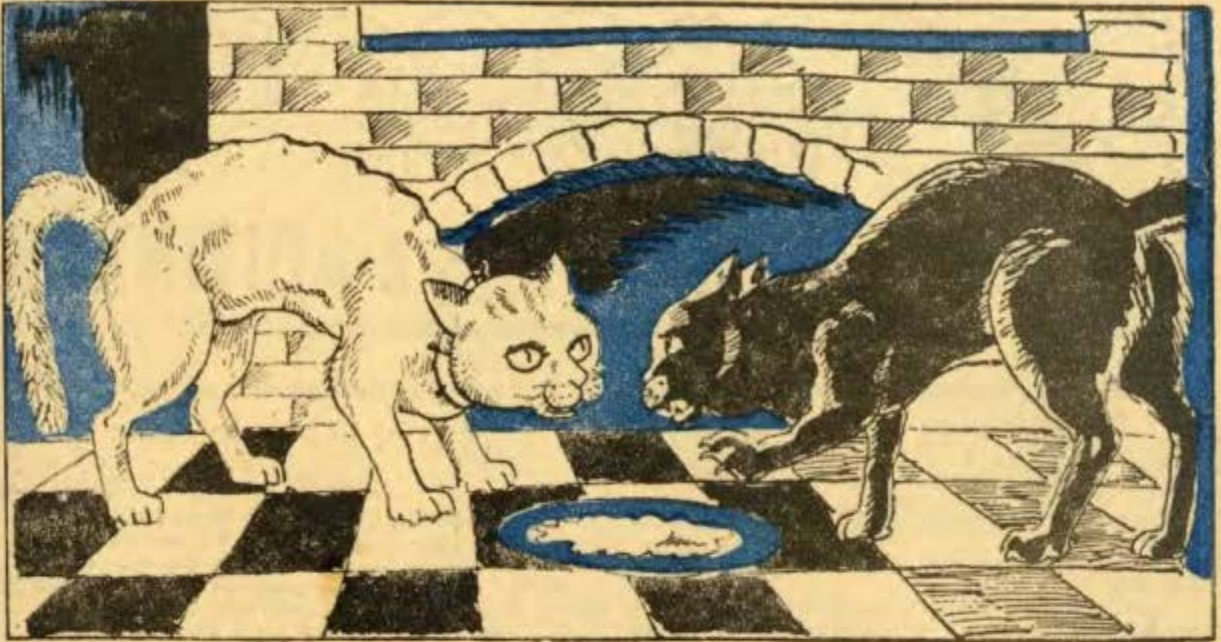
Os dias iam passando e Borrallheira apenas comia as sopas de café com leite que, de manhã,



dos, conhecia lá a tragédia dos telhados escorregadios e dos tristes miaus, alta noite, ecoando nas esquinas das ruas!...

Borrallheira tinha, durante

vendo que Borrallheira dormia a sono solto, resolveu comer tudo dum trago, deixando o prato limpinho como se, à nossa vista, tivesse saído da prateleira da louça.



lhe levavam, nos curtos momentos em que estava acordada.

Mas um dia, porém, estando o gato preto a meio da sua bela refeição, abriu um dos seus olhitos azuis à Borrалheira... O sono vencia-a mas a curiosidade picava-a, como alfinetes aguçados... E, surratamente, Borrалheira abriu o outro olhito...

Num relance, mediu a esperança do gato preto, que, cobardeamente, se aproveitava das suas

niçada! Qual de baixo, qual de cima, os dois bichanos lutavam, mordiam-se, arranhavam-se ferozmente, até que, por fim, gatinha Borrалheira, completamente esgotada de forças, por sua excessiva magreza, se deixou vencer pelo gatarrão preto, que, orgulhosamente, sorria pela sua gordura e robustez.

— «Não tens vergonha, exclamava êle, em ar de troça de te deixares vencer por mim, pobre

Foge daqui, que não tens direito a ocupar, na sociedade, o lugar que ocupas! Esse lugar pertence-me, de direito. Foge daqui, molengona, que não soubeste olhar por aquilo que era teu. Vai-te! Para ressonar qualquer canto te serve, porque, enquanto dormes, não aprecias o conforto que, bondosamente, te deram».

Já resignada e apenas sentindo uma imensa vontade de dormir, a Borrалheira, sem vontade própria, saiu pela janela por onde gato preto entrara, fugindo ao longe, em busca dum canto onde continuasse a ressonar e, gato preto, gosando, gostosamente, o ambiente de luxo e de conforto, foi tomar regalado lugar, dentro da cama aceada e macia, mas de olhos abertos, atento e vigilante, porque a felicidade é uma coisa muito boa que deve ser bem apreciadinha e guardada e não abandonada, tolamente, nas mãos incertas do Destino!



horas de sono. E, dum salto de gato de telhado? Eras gorda e tigre em miniatura, Borrалheira caiu em cima do gato preto.

Foi uma luta medonha, encar-

gado de telhado? Eras gorda e sadia, mas a preguiça fez de ti este trapo que, para nada, presta!

Não tens vergonha, molengona?

F I M



1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

Vencedores das séries seguintes com direito ao sortelo:

Séries XV a XIX (A), XVI a XX (B) e XVII a XXI (C):

Abelina Mestre (A, B, C), Águia Trancosana (A, B, C), Aprendiz (A, B, C), Africana (A, B, C), Anibal Ortiz Martins (A), Andorinha (A, B), Antonio Barros (A), Aresnio Lupin (A, B, C), Angellita (A, B), Alfredo Cascals (A, B, C), Alcamosí (A), Alexandra (A, B, C), Aldita (A, B, C), Augusto Pissarra Louro (A, B, C), Alzira de C. Coelho (A, B, C), Asor (A, B), Artur Melo Cabral (A, B, C), Any Lady (A, B, C), Ali-Bábá (A), Alfredo Souza Costa (A, B, C), Afonso Joaquim Batista (A, B, C), Ata (C), A bicha fêra (A, B), Andaluzita (A, B, C), Angomado (A, B, C), Alberto Lutz Fernandes (A), Agio (B, C), Alô (B, C), Bananiz (A, B, C), Babo-Babinho (A, B, C), Braba (A, B), Cochicho (A, B, C), C. Redondo (A, B, C), Campeão Vermelho (A), Cortegneças (A, B, C), Cinco (A, B, C), Carocha Loira (A, B, C), Capitão Morgan (A, B), Chevalier (A, B, C), D. Rufa (A, B, C), D. Pericles (A, B, C), Diabrete (A, B, C), D. Quixote I (C), Ego (A, B, C), El-Magrito (A, B, C), El-Diabito (A, B, C), Eduardo Santos (A, B, C), Eja (A, B, C), El-Gil (A, B, C), Endiabrada (A, B, C), F. de Ravachol (A, B, C), Fixo Pocaricense (A, B, C), Frederico da Cruz (A, B, C), Filipe Moreira (A), Flor de Lotus (A, B), Fu-Fu (C), Grilinha (A, B, C), Quida (A, B, C), Helios (A, B, C), Homem Macaco (A, B, C), Heroína de Naullia (A, B, C), José Hespanha (A, B, C), J. B. Campina Junior (A, B, C), Juju (A, B), Jorge

Carlos Carvacho (A, B, C), Joaquim Mesquita (A), Jodasillo (A, B), Jorge de Sintra (A, B, C), Jean (A, B, C), João Pedro (A, B, C), João da Silva Carvalho (A, B, C), Janica (A, B, C), José Polama (A), Kalifa (A), Lagartixa Nervosa (A, B, C), Lita (A, B, C), Lampião (A, B, C), Lilau (A, B, C), Love (A, B, C), Lírio da Beira (A, B, C), Milu (A, B, C), Morgan (A, B, C), Mario José Mimoso (A, B, C), Marimelia (A, B, C), Milu da Rita (A, B, C), Maria Manuela Sá (A, B, C), Miota (A, B), Micles de Tricles (A, B, C), Misabel (A, B, C), Marmor (A, B, C), Matuto (A, B, C), Marius (A, B), Marietta (A, B, C), M. Monteiro (A, B, C), Morcego sem asas (A, B, C), Milusa (A, B, C), Marinela (B, C), NI-NI (C), Nocas (A, B, C), Nita Mendes Chaves (A, B, C), Nando Januario (A, B), Olho de Lince (A, B), Oliva (A, B), Oriábir (A), Off-Sid (B), Pim-Pão (B, C), Patachon (A, B, C), Pica Pau (A, B), Papa Moscas (A, B, C), Porfirio Cordeiro (A, B, C), Pamplinas II (A, B, C), Pintaleão (A), Pimpolho (A, B, C), Pardoca (A, B, C), Príncipe Perfeito (A, B, C), Quimané (A, B), Quinhas Guimas (A, B, C), Rei da Vivacidade (A, B, C), Renate P. Silva (A, B, C), Régia (A, B, C), Rei Roca (A, B, C), Rinhau-nhau (A, B), Sir Mideth (A), Sherlock Holmes (A, B, C), Tim Tim (A, B, C), Tininha Sobral (A, B, C), Timpanas (A, B), Tic Tac (A, B), Tom Mix (A), Um Obdense (A, B, C), Um Alentejano (A, B, C), Vencedor (A, B, C), Velha Peralta (A, B, C), Vidalegre (A, B, C), Vira (A, B, C), Vasco Portas (A), Vasco de Setubal (A, B, C), Zairina L. Coelho (A, B), Ziul (A, B), Zedarganil (A), Zecalculos (A, B, C).

Alguns dos premios ainda não foram remetidos por deficiencia das moradas

RETRATOS DE ALGUNS CONCORRENTES



Maria Fernanda
Gonçalves

Manuel Pimenta
Pereira dos Santos

Maria de Lourdes
Coutinho Guerreiro

Antonio Augusto
Gonçalves de Sousa
Montes

Maria Margarida
Pigueiredo Velez
de Lima

Antonio João de
Pigueiredo Car-
mona e Lima

Correspondência Para os meninos coloriram

Mariana R. A. Lima: — Os teus contos, por enquanto, não passam de excelentes exercícios escolares. Continua, até que possas ter a alegria de ver o fruto da tua aplicação no «Pim-Pam-Pum».

Zé Timido: — Nada tens a recear; atendendo à tua idade são justificáveis os teus erros e as tuas hesitações. Com o decorrer do tempo virás a publicar lindos versos.

A. Barafunda: — Os teus desenhos são ainda um pouco confusos como o teu nome.

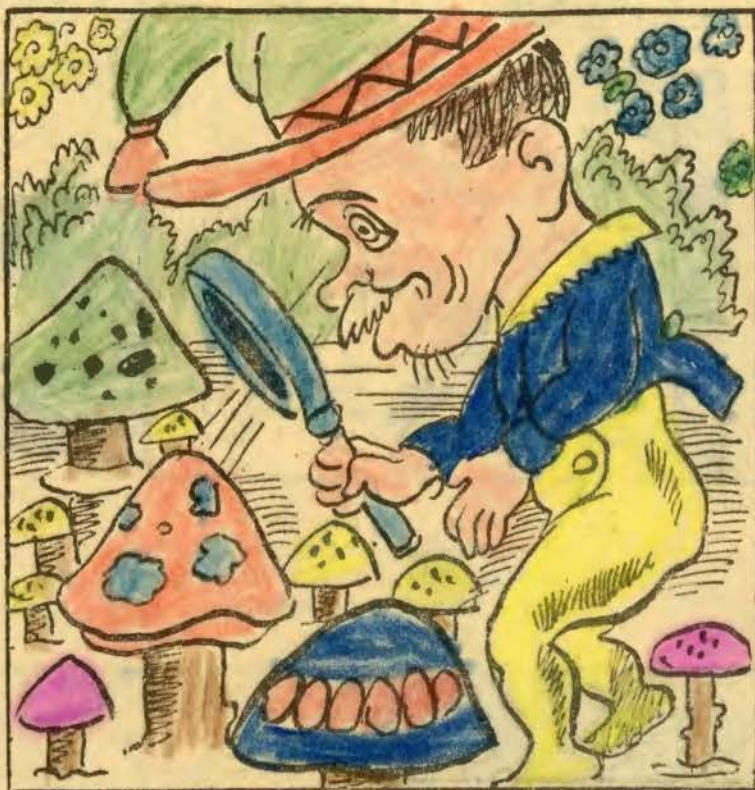
Manoel A. Pires: — O teu pedido será satisfeito brevemente.

Ena Pai: — Ena Pai!... dizemos nós ao ver as tuas produções tão variadas. Veremos o que se aproveita.

Guida Sousa Ramos: — O teu desenho não vem nas condições de poder ser reproduzido. Faze outro a tinta da China.

Abraço a todos do

Tio-Paulo.



ADIVINHA



Meus meninos: — Este cão está a arremeter contra um gato. Vejam se o descobrem.

PIM PAM PUM

Estão à venda na nossa redacção ainda alguns livros desta engraçada biblioteca, composta de Aventuras cómicas, contos de Fadas e Historias divertidas.

Pedidos à nossa Administração

RUA DO SÉCULO, 49

ou à nossa SUCURSAL

A N E D O T A



Senhora d'idade, offegante: — Oiça lá, vocemecê era capaz de chamar-me uma carruagem?

O carregador: — Propriamente uma carruagem, não a chamei; a senhora faz-me lembrar antes uma locomotiva.

LIÇÃO MAL COMPREENDIDA



I — «Nunca se deve enganar ninguém» — diz o professor do «Zé» Maria do Mar, que é filho dum pescador.

II — Filho de peixe... o rapaz também sabia pescar e tinha sempre um cabaz de peixe para almoçar.



III — Mas o peixe, um certo dia, — (e com que estranheza, pois,) — reparou que o Zé Maria tinha sem isca os anzóis.



IV — Seguindo sem o seu pai, certa manhã, pela fresca, o Zé Maria lá vai com sua cana de pesca...

V — Vendo-o já de cana ao ar, o pescador Zé Faisca diz-lhe a rir: — «Queres pescar sem o anzol ter isca?!»

VI — «E' que já ando a estudar e diz o meu professor que se não deve enganar, no mundo, seja quem fôr!»